

Diário de Notícias

FUNDADO EM 1864

DIRECTOR: MÁRIO BETTENCOURT RESENDES | DIRECTOR ADJUNTO: ANTÓNIO RIBEIRO FERREIRA | PREÇO (IVA INCLUÍDO) 100\$ - 100 PESETAS | ANO 134.º N.º 47 334 TERÇA-FEIRA, 27 DE OUTUBRO DE 1998

promoção



DN INFORMÁTICA INSTANTÂNEA II

WINDOWS 98, OFFICE 97

Fichas grátis de segunda a sexta-feira

sociedade

Figueiredo Dias diz que assédio sexual é uma moda importada dos EUA

PÁGINAS 28 A 30

internacional

Guiné-Bissau está à espera do encontro de hoje entre Nino e Mané

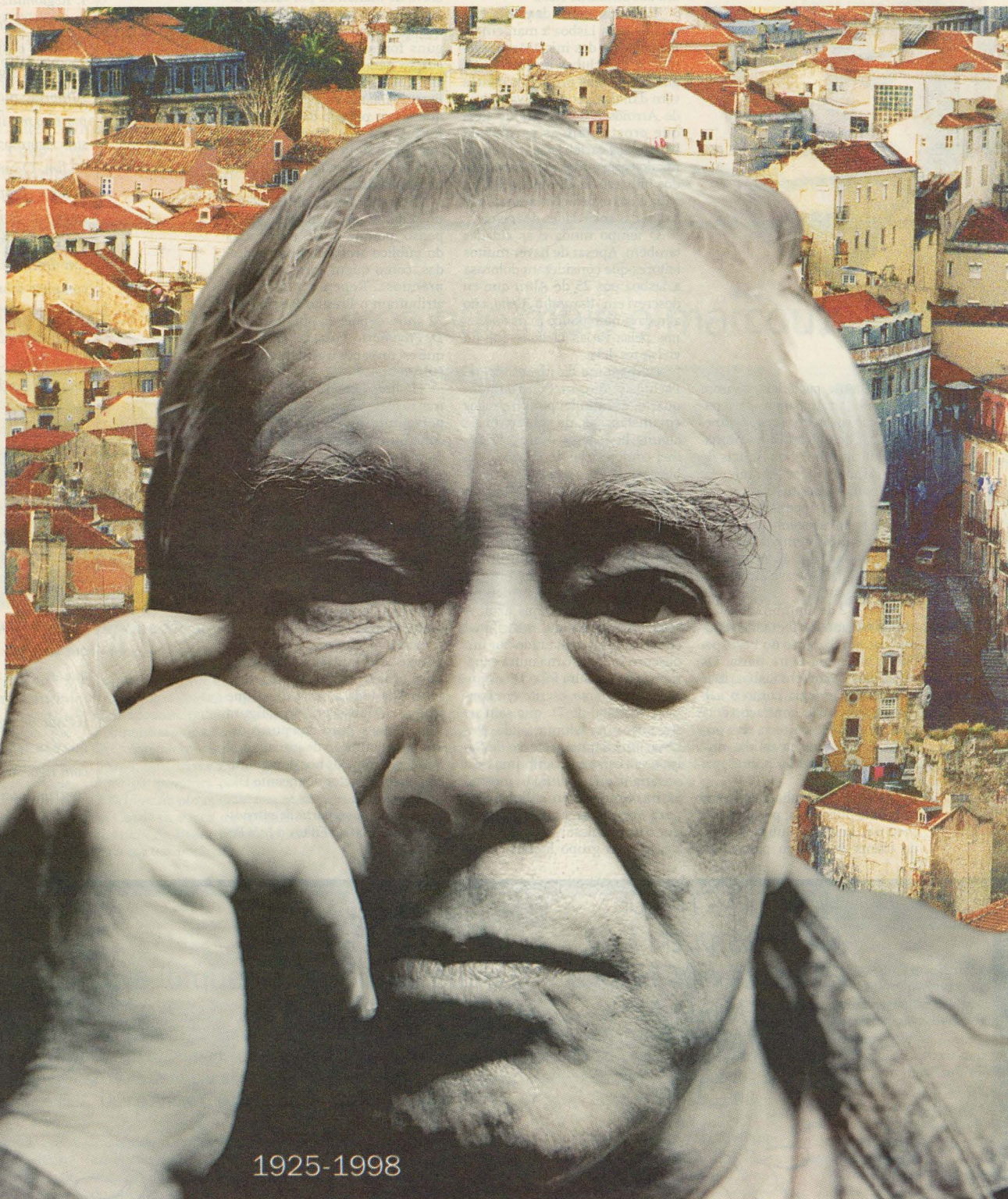
PÁGINA 25

nacional

Beira Interior chumba regiões e 49 por cento não votam dia 8

PÁGINAS 20 E 21

José Cardoso Pires



1925-1998

Páginas 2 a 64

PUBLICIDADE



Mais certo. Mais perto.

Código Postal.
Mais certo. Mais perto.

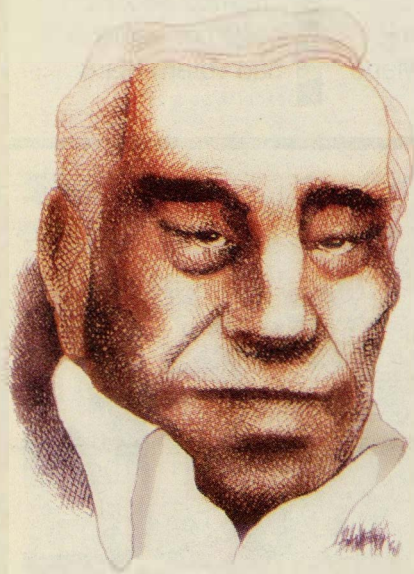
Linha Código Postal 0808 21 21 21 • www.ctt.pt



Meu caro Zé: Acabo de receber o seu manuscrito...

AUTO-RETRATO JOSÉ CARDOSO PIRES

O «Anjo» ancorou



Falta-me paciência, sempre me faltou, para a «encenação social do escritor», apesar de não ter outra profissão. Por orgulho? Nas multas de carro já me aconteceu ser referenciado como «escriturário» e não esbocei a mais pequena correção. De resto, não tenho um perfil exterior suficientemente intelectual para avalizar, às primeiras, uma identidade de ave rara de artista ou pensador.

Nasci a 2 de Outubro de 1925, no último ano da liberdade republicana, em São João do Peso, pequena aldeia da Beira Baixa. Os meus pais viviam em Lisboa, mas a minha mãe fazia como o salmão, subia o rio contracorrente para ir ter filhos à terra das origens. Peso ficou na minha memória ligado a pedras, pobres, padres e pinhais.

Por parte da minha mãe venho da média burguesia; por parte do meu pai, nem sei. Subproletariado campesino? Meu pai, talvez

porque teve um bom padrinho, veio para Lisboa e seguiu a carreira da Marinha. Cresci em Arroios e frequentei a Escola Primária n.º 14, no Largo do Leão. Fiz manhãs gloriosas a apanhar eléctricos. Passei depois ao Liceu Camões. Aluno do liceu andava com a choldra da Almirante Reis.

Tive uma Lisboa de escola e família e uma Lisboa à margem da Faculdade e das iniciações literárias. A dos clubes de bairro. Alguns dos meus primeiros contos vêm daí, dos pequenos vampiros de Arroios e da Almirante Reis que prostituíam as garotas de bairro, dos carteiristas mal engonhados que andavam à babugem dos bilhares da Cervejaria Portuguesa e das expedições sexuais aos bailes das sociedades de recreio.

O tempo muda e as cidades também. Apesar de haver muitos leitores que consideram dolorosa a Lisboa pós 25 de Abril que eu descrevi em *Alexandra Alpha*, não a trocava nem pouco mais ou menos pelas várias Lisboas que eu vivi antes dela.

Despedi-me da juventude, da Faculdade, de casa. Fui viver num quarto, deambulei por empregos circunstanciais, de sobrevivência alguns, bem pagos outros. Trabalhei como oficial de relações públicas da TWA e tive cédula marítima de praticante de piloto sem curso. Embarquei no *Sofala*, com soldados para Timor...

Senti a mão da censura logo ao primeiro texto que publiquei. «Bloco» chamava-se o volume. «Caminheiros» também não escapou à tortura do lápis azul. A obra foi apreendida, mas fiquei com o exemplar rasurado por um obscuro militar. Uma outra experiência de censura foi o *Dinossau-ro Excelentíssimo*, escrito em Londres no Natal de 71, que saiu na Arcádia, uma editora falida. Publicar um retrato grotesco de Salazar era coisa que nenhuma casa ousaria naquela altura e, mesmo assim, vimo-nos em dificuldades para encontrar uma tipografia que o imprimisse.

Do meu grupo literário fui o

único seduzido pela ficção, independente do neo-realismo e do surrealismo, em total ruptura com a ficção de raiz rural, que marca desde Camilo o romance português. Dou-me sobretudo com poetas e pintores.

Gosto de todos os livros que escrevi, de maneira e por razões diferentes. Em todos faltará sempre qualquer rasgo. É por isso que alguns foram tendo alterações de edição para edição. Há também as recordações à margem de cada livro. A *Balada da Praia dos Cães*, que teve o prémio da Associação Portuguesa dos Escritores, deu-me a sensação única de ver em carne e osso a personagem que eu tinha imaginado.

O escritor pensa muito pouco no público. Eu pelo menos não penso, porque quem corre atrás do público acaba de levar pedradas, como quem corre atrás dos prémios... Repeti-o quando me atribuíram o Prémio Pessoa, aos 72 anos, depois da publicação de *De Profundis - Valsa Lenta*. O livro que escrevi após o acidente vascular cerebral...

Há livros que recorro por outras razões. O *Anjo Ancorado* está porventura ligado à alcunha de Anjo numa altura em que eu ainda mal tinha barba. O *Hóspede de Job*, publicado em 1963, foi o primeiro romance traduzido. Com o *Delfim* chegou a consagração internacional... Fui então eleito em França autor do ano. E as traduções começaram a suceder-se.

Aos 17 anos sonhei ser jornalista. Fui ao *Diário de Lisboa* e pedi para falar com o director, Joaquim Manso. Olhou para mim com um ar paternal e disse-me: «Deixe-se de fantasias. O jornalismo é uma troca de favores.» Passei a vida toda a ouvir dizer que Joaquim Manso era uma figura impoluta e o puro dos puros dá-me esta definição de jornalismo! Sou recusado. 20 anos depois acabo por ser director do mesmo DL.

Texto elaborado a partir de entrevistas a Artur Portela Filho e a Inês Pedrosa

LINHAS DIREITAS

LUÍS DELGADO

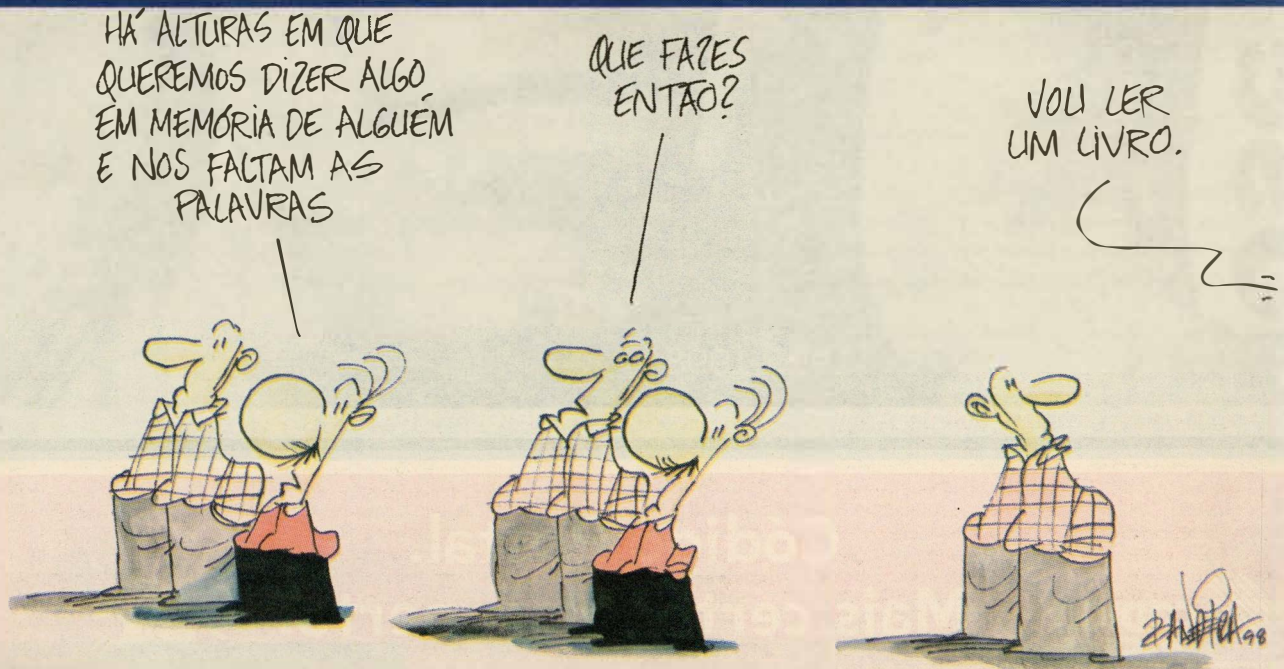


Desleixo

O pior das contas baralhadas entre o comissário da regionalização, o primeiro-ministro e o ministro do Equipamento é o ar de desleixo e de pouco rigor que este Governo coloca em matérias fundamentais. Exemplos:

1. Regionalização. Era a única reforma de que António Guterres e este Governo se poderiam orgulhar de ter cumprido numa legislatura, e só por esse motivo deveriam ter sido rigorosos do princípio até ao fim. O conhecimento dos custos e competências era essencial. Pois conseguiram chegar ao fim sem apresentarem um único estudo sério e completo sobre esta reforma. Só confusão. 2. Vacas loucas. É outro exemplo de desleixo inaceitável. Como é que dois anos depois da crise, e das promessas de rigor então efectuadas, Portugal corre o risco de ser impedido de exportar a sua carne de vaca? É uma vergonha. 3. Avião. É verdade que o ministro da Cultura alugou, com dinheiro do ministério, um «Falcon» do Governo para ir ao programa do Herman no Porto? O MC que confirme ou desminta. É que, se isto é verdade, este ministro deve ser rapidamente riscado da lista de um Governo que é sustentado, e deve gerir com rigor, o dinheiro dos contribuintes portugueses.

Luís Delgado assina esta coluna de segunda a sexta-feira



...trazia marcas do parto: os traços da sua bela caligrafia...

EDITORIAL

Obrigado, José

Morreu um escritor. E morreu um homem que entregava à vida um prazer imenso e notório.

José Cardoso Pires gostava muito de estar por cá e não fazia segredo disso. É difícil recordá-lo sem o sorriso aberto e cordial, sem a ironia lúcida e isenta de amargura, sem o associar a algumas das coisas que fazem da vida um tempo apetecível.

Foi sempre um militante da liberdade e só lhe faltou tolerância para com os intolerantes. O seu *Dinossauro Excelentíssimo* enfureceu a ditadura jurássica, a sua escrita pujante e fluida deixou-nos algumas das melhores estórias da literatura portuguesa do século XX. A sua cidade, Lisboa, fica a dever-lhe um retrato único.

A edição de hoje deste jornal tem a marca de José Cardoso Pires – uma marca que não poderia, nunca, ter o tom de elogio fúnebre e uma marca que é prémio escasso para quem teria merecido outra universalidade.

José Cardoso Pires teve o privilégio de regressar da morte. Voltou e esteve connosco o tempo suficiente para

contar e escrever o que viu e o que sentiu nas terras de fronteira da espécie humana.

Em termos estritamente literários, é provável que o *De Profundis, Valsa Lenta* não tenha sido a melhor obra de José Cardoso Pires. Mas o fascínio do tema levou ao escritor muitos milhares de portugueses que passam habitualmente ao lado dos livros. E assim ajudou-os – e ajudou-nos – a esbater a angústia insuportável que a própria ideia da morte transmite. É como se tivesse regressado para deixar connosco o «livro de bordo» que ameniza as tempestades da última viagem.

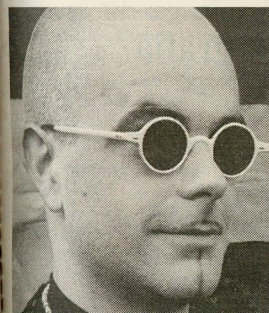
Obrigado, José.

Cardoso Pires ajudou-nos a esbater a angústia insuportável que a própria ideia da morte transmite. É como se tivesse regressado para deixar connosco o «livro de bordo» que ameniza as tempestades da última viagem

M. BETTENCOURT RESENDES

INQUÉRITO

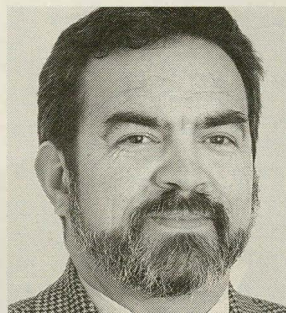
Qual o livro de Cardoso Pires que mais o marcou?



Pedro Abrunhosa

Músico

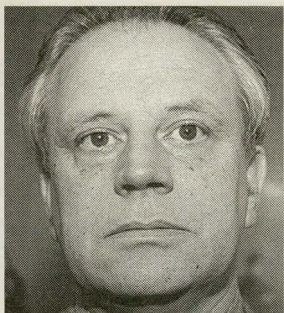
O *Delfim*, sobretudo pela altura em que foi lido, na adolescência. Na época era um livro obrigatório no plano curricular. Recordo-me que o devorei numa noite e a partir daí descobri o José Cardoso Pires. Mas mais nenhum livro dele me deu tanto prazer como *O Delfim*.



Vilhena Mesquita

Historiador e docente universitário

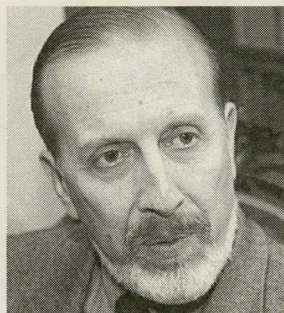
Impressionou-me a colectânea de contos *Jogos de Azar*, mas o que mais apreciei, quando jovem, foi o *Dinossauro Excelentíssimo*. Porém, considero que a sua obra-prima, que marca a projecção do autor na literatura portuguesa, é *O Delfim*. As obras mais recentes de Cardoso Pires denotam influência da literatura europeia mais contemporânea.



Vasco Pereira da Costa

Escritor

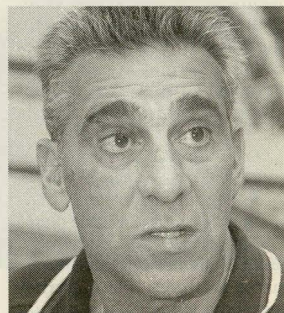
Sem dúvida *O Delfim*, que, há 30 anos, lançou uma lufada de ar fresco na literatura portuguesa: pela técnica narrativa inovadora, pela linguagem surpreendente e por uma temática ousada e de modernidade. *O Delfim* é um dos grandes romances da nossa história literária – para sempre.



Augusto Lopes Cardoso

Advogado

A *Balada da Praia dos Cães*, um livro que considerei muitíssimo imaginativo e realista. Além disso, tem uma linguagem muito simples. Essa é, aliás, uma das grandes virtudes da escrita de Cardoso Pires: a sua simplicidade e capacidade de comunicação com o leitor.



Hernâni Gonçalves

Professor

Eu já li alguns livros de Cardoso Pires. Aquele que mais gostei foi o último, *De Profundis Valsa Lenta*, pois é um livro profundamente filosófico em relação à vida. É muito real, com uma experiência de quem está quase à beira da morte. É um livro excepcional.

MUNDO

Tartufo baila em Nova Iorque

Puritanos e liberais, poderosos que fogem às leis do mercado, Clinton e Starr – Washington, humana e imperfeita como nós, diverte-se (?) a derrubar as ideias feitas da Europa sobre os EUA. Opina André Glucksmann.

L'Express A estranha aver-são que coliga a elite além-Atlântico não se curva. As fraquezas presidenciais valem alta tração. Lês a majestade dos dirigentes no conjunto, exibindo uma falibilidade comum: «E no mais alto do trono, sentamo-nos só no nosso traseiro...» (*Montaigne*). Onde começa o sexual? Quando *madame* propõe uma maçã a *monsieur*? Quando, na bainha da saia, um tornozelo se deixa adivinhar? Somente quando há penetração, reivindica Clinton, forte de uma jurisprudência tão arbitrária como as outras. A nossa velha Europa

anatemiou durante um século o americanismo, suspeito de eno-doar os ideais sublimes e gelidos do cálculo capitalista. Falso! O *affaire* Monica inflige um cruel dementido aos discursos, de direita e esquerda, que vituperam um pretensioso pensamento único. A América não é unidimensional, votada ao lucro máximo. Pragmático e materialista, o nosso derradeiro supergrande? Que erro! Os imperativos da asneira dominam, frequentemente, os determinismos da economia. Para descobrir a América, mais que Marx, é Molière que é preciso ler.

MEMÓRIA

Jornais entre liberdade e abuso

Os jornalistas portugueses andavam «numa roda viva», perseguidos por uma Justiça censória. Ou então, eram os particulares que sentiam o seu bom nome ameaçado por escribas irresponsáveis. Choque. Lisboa, ano de 1898.

N'uma reunião ante-hontem no edifício da Boa Hora, que terminou à meia noite e à qual assistiram todos os juizes do crime e os representantes do ministério público, ficou assente a forma de dar o maior andamento possível ao grande numero de processos instaurados por abuso de liberdade de imprensa. Já se expediram ordens de prisão contra jornalistas e editores de periodicos, com a recomendação expressa de dar-se-lhes imediato cumprimento. Já foram em parte cumpridas, por isso que hontem mesmo se afiançaram no tribunal do 2.º districto,

mediante a caução de 120\$000 réis, o sr. Theotonio da Camara Lima, redactor do jornal «O Popular», auctor dos artigos «Sem vergonha» e «O doido», e o sr. Abilio Madeira, pelo artigo «Um administrador pronunciado», com o qual se deu por offendido o sr. Juvenio Gomes de Figueiredo, administrador do concelho de Villa Nova d'Ourem. Contra o auctor d'este artigo, como contra o editor de «O Popular», parece que tambem se expediram ordens de prisão, as quaes serão realisadas quando elles não se apresentem voluntariamente em juizo.

LIDO

«Cravinho disse que uma coisa é o projecto do Governo e outra o que poderá resultar das posteriores «consensualizações» – admitindo assim que as portas estão abertas para eventuais derrapagens. Por fim, justificou as críticas que lhe foram feitas pelo desespero dos adversários da regionalização. Mas terá contabilizado o desespero que lançou entre os seus defensores?»

Eduardo Prado Coelho
Público

«Enquanto um, Castro, se bate pela justiça social, mas com um sudário sangrento de injustiças e sacrificando cegamente, até à exaustão, o seu povo, o outro, Pinochet, desmoronou na América Latina e protagonizada por Salvador Allende, uma esperança de justiça social, mas em democracia.»

Pacheco de Andrade
Jornal de Notícias

...que tanto me faz lembrar a de outro seu colega de ofício...

JOSÉ CARDOSO PIRES 1925-1998

«Não tenho esse problema da morte, já passei por ela, pelo menos por aquela, e não me meteu tanto medo como isso. Andei por lá, penso eu, mas tenho a impressão de que o São Pedro é que não me quis receber. Não tenho obsessão da morte. Quem não pensa na morte, está morto. Estou convencido de que um dia, parto uma unha do pé e morro.»

A última valsa do escritor

■ Morreu José Cardoso Pires. Às primeiras horas da madrugada de ontem, o escritor português abandonou definitivamente o coma profundo em que estava mergulhado há quatro meses, no Hospital de Santa Maria, na sequência do último acidente vascular-cerebral que sofreu, em Julho deste ano e que se revelaria fatal. Tinha 73 anos.

Foi a terceira vez que Cardoso Pires teve de ser hospitalizado em três anos. Em Janeiro de 1995, o escritor sofreu um acidente vascular-cerebral particularmente grave, que lhe causou a perda da memória, posteriormente recuperada. Dessa experiência-limite resultou a obra *De Profundis - Valsa Lenta*, um relato da sua «viagem até às portas da casa da morte» e uma reconstituição fiel do seu lento regresso à vida. O autor justificou o êxito deste livro (oito edições e 43 mil exemplares vendidos) por uma nova forma de encarar a morte, «como qualquer coisa que faz parte do ciclo da vida.»

O seu último título foi, no entanto, *Lisboa - Diário de Bordo*, um roteiro da cidade que o escritor amava como sua, apesar de ser beirão de nascença. Este livro valeu-lhe o Prémio Pessoa, um dos muitos galardões que o escritor recebeu ao longo da sua carreira e, em especial, neste último ano. Só em 1998 foram-lhe atribuídos o Prémio D. Dinis, da Fundação Casa de Mateus, o Prémio Vida Literária, da Associação Portuguesa de Escritores, e o Prémio de Crítica do Centro Português da Associação Internacional de Críticos Literários. Este último foi-lhe entregue a 2 de Julho, numa cerimónia privada, realizada em casa do escritor, devido ao seu delicado estado de saúde na sequência do segundo acidente vascular-cerebral que sofrera a 21 de Abril. Foi o último acto público em que participou, uma semana antes do seu derradeiro internamento.

Mausoléu dos Escritores como última morada

O corpo de José Cardoso Pires esteve durante toda a noite de ontem em câmara ardente no Palácio Galveias, em Lisboa. O escritor é cremado hoje, no Cemitério do Alto de São João, às 11 horas, partindo o cortejo fúnebre, às 13 e 30, para o Cemitério dos Prazeres. As suas cinzas serão depositadas no Mausoléu dos Escritores, junto de grandes nomes da Cultura portuguesa como Aquilino Ribeiro, Fernando Namora ou Natália Correia. A Câmara Municipal de Lisboa anunciou já a sua intenção de dar o nome do escritor à Biblioteca de Alvalade e a uma rua da cidade.



PRÉMIO PESSOA. «Já ganhei vários prémios, embora para mim este seja o mais significativo. A escrita tem idade. Eu comecei a escrever há 40 e tal anos»

...ao editor terá V. transmitido o desejo...

JOSÉ CARDOSO PIRES 1925-1998

A vida e a obra que fica depois da morte

ELISABETE FRANÇA *

Romancista, contista, cronista, ensaísta, dramaturgo e tradutor literário, José Cardoso Pires publicou o primeiro livro em 1949: *Os Caminheiros e Outros Contos* (edição de autor, financiada por Mário Dionísio, Redol, O'Neill e Armindo Rodrigues). Senhor de uma prosa oralizante e seca, *castigada* em produção lenta, o escritor (cujo trabalho num novo romance lhe foi interrompido pela morte, como a vida) deixa, ainda assim, uma vintena de títulos publicados. A sua obra, que patenteia rigoroso domínio narrativo, surge enraizada na realidade histórica e no quotidiano português, onde avulta a figura do antilibertino marialva, predador e machista.

Esteticamente, essa obra recebe influências do romance norte-americano da primeira metade do século, herdando de Hemingway, sobretudo, a mestria dos diálogos. Mas, em *O Anjo Ancorado*, a influência é de Vailland, como o é também n' *A Cartilha do Marialva*, espécie de antiesboço para retrato do verdadeiro libertino. Obra que mereceu sucessivas reedições, estudos universitários e traduções em vários países.

O autor ganhou prémios importantes, não só em Portugal mas também em Itália. E viu *O Delfim* citado, por *Le Monde*, *Le Nouvel Observateur* e *Sunday Times*, como um dos romances do ano (1968). No País, venceu o Prémio Camilo Castelo Branco 1964 (*O Hóspede de Job*) e o Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores 1983 (*A Balada da Praia dos Cães*). Em 1997, acumulou os prémios de Criação Literária (Centro Português da Associação Internacional de Críticos), Vida Literária (APE), D. Dinis (Fundação da Casa de Mateus) e, *last but not the least*, o Prémio Pessoa, destinado a destacada personalidade nacional. O júri deste, em comunicado então divulgado, distinguia «um exemplar prosador», «discreto e coerente, metuculo e perfeccionista», considerando o escritor



BRITISH BAR. Um dos lugares eleitos na sua Lisboa, pelo «bon vivant», que era também um «bom copo»

«património da nossa literatura, um clássico contemporâneo que já entrou, e ficou, na língua portuguesa».

Todavia, José Cardoso Pires opinava que «quem corre atrás de prémios acaba por levar pedradas, como quem corre atrás do público» (*Expresso*, 20-12-97). Antes do referido primeiro livro, além de colaboração dispersa por jornais e revistas, que manteria durante décadas, já o autor parti-

cipara, com o conto *Salão de Vin-tém*, na *Bloco* (1946), antologia de jovens escritores editada por Luís Pacheco e apreendida pela Censura. A par da criação literária, o escritor de *Dinossauro Excelentíssimo* foi desenvolvendo actividades múltiplas, com relevo para a direcção editorial literária e o jornalismo.

Jornalismo iniciado em 1949, na revista *Eva* (cuja redacção Cardoso Pires depois chefearia), e

continuado no *Diário Popular*; em 1960, fundou e dirigiu a revista *Almanaque*; em 1967, fundou *et c.*, suplemento do *Jornal do Fundão*, coordenado por Victor Silva Tavares, sob orientação sua; no ano seguinte, passou a dirigir o suplemento literário do *Diário de Lisboa*, jornal do qual foi director adjunto (1974-76) e onde, em 1969, lançou o suplemento humorístico *A Mosca*. Nos anos 1969-72, o escritor leccionou lite-

ratura portuguesa e brasileira no King's College de Londres. Aí colaborou na BBC e daí enviava crónicas para o DL. Defendia que «a separação jornalismo-literatura só convém aos jornalistas que escrevem mal e aos escritores que escrevem ainda pior» (in *Cardoso Pires por Cardoso Pires*, livro-entrevista de Artur Portela, D. Quixote, 1991).

* Com Albano Matos

Caminhos andados pelo alfacinha da Beira Baixa

José (Augusto Neves) Cardoso Pires nasceu em São João do Peso (Castelo Branco), a 2-10-1925, filho de Maria Sofia Cardoso Pires Neves e José António Neves: entre a média burguesia rural e a emigração nos EUA. Com apenas uns meses, acompanhou os pais para Lisboa. Fez-se genuíno alfacinha, a trocar a escola pela paróquia sempre que podia. Primária no Largo do Leão (1932-36), liceu no Camões: foi aluno de, entre outros, Câmara Reis e Rómulo de Carvalho (António Gedeão).

Em 1943, matriculou-se na Faculdade de Ciências (Matemática), a par de profissões ocasionais, desemprego, colaboração na imprensa, escrita de contos. Contactos com escritores e artistas da sua geração: Luís Pacheco, Cesariny, Vespeira, Pomar, Dias Coelho. Em 1945, abandonava a universidade ao terceiro ano, alistando-se na marinha mercante (o pai

era oficial da marinha). Em 1946, com Luís Pacheco, Cesariny, Vespeira, O'Neill e Pedro Oom, manifestava-se contra o neo-realismo populista; salvaguardava Pereira Gomes, Mário Dionísio e, sobretudo, Carlos de Oliveira. Em 1947, fez o serviço militar (em Vendas Novas - experiência evocada em *O Hóspede de Job* - e na Figueira da Foz). Foi sucessivamente agente de vendas, correspondente de inglês, intérprete numa companhia aérea.

Em 1952, a PIDE apreendeu ao escritor *Histórias de Amor* (contos). Em 1958, Cardoso Pires publicava o primeiro romance, *O Anjo Ancorado*. Seguiram-se *O Renter dos Heróis* (1960, narrativa dramatizada, que Fernando Gusmão encenou no Teatro Moderno de Lisboa), *A Cartilha do Marialva* (1960, ensaio), *O Hóspede de Job* (1963, romance), *Os Lugares Comuns* (1967, crónicas), *O Delfim*



NO AUGÉ. O escritor em 1968, ano da publicação de «O Delfim»

(1968, romance), *Jogos de Azar* (*idem*, contos), *Dinossauro Excelentíssimo* (1972, fábula satírica de Salazar e do salazarismo, alvo de polémica na Assembleia Nacional e de proibição), *E Agora, José?* (1977, ensaios), *O Burro-em-Pé* (1978, narrativas, incluindo *Dinossauro Excelentíssimo*), *Corpo-Delito na Sala dos Espelhos* (1979, teatro, encenado por João Lourenço no Teatro Aberto), *A Balada da Praia dos Cães* (1982, romance), *Alexandra Alpha* (1987, romance), *A República dos Corvos* (1989, contos), *A Cavalinho no Destino* (1996, crónicas), *De Profundis - Valsa Lenta* (1997, narrativa), *Lisboa. Diário de Bordo* (1997, cartografia afectiva). *Viagem à Ilha de Satanás* foi o último título, de conto editado na colecção Expo'98.

Além de participar em encontros internacionais, com funções representativas enquanto escritor, Cardoso Pires empenhou-se

na intervenção cívica. Nos anos 60, integrou o núcleo português da Association Internationale pour la Liberté de la Culture, de resistência cultural à repressão peninsular. Em 1975, participou na Conferência Internacional da Independência de Porto Rico (Havana) e representou Portugal na reunião de Helsínquia do Conselho Mundial da Paz.

O romance *Balada da Praia dos Cães* foi adaptado ao cinema por José Fonseca e Costa. Agora, Fernando Lopes prepara-se para filmar *O Delfim* (depoimento na p. 7). A fatal crise que lhe levou a vida seguia-se a uma outra, já este ano, que lhe afectara a mobilidade. Após o acidente cerebral vascular de 1995, com perda da memória (depois recuperada), experiência-limite, relatada em *De Profundis - Valsa Lenta*. O escritor era casado com Maria Edite Pereira e pai de duas filhas (Ana e Rita).

...que eu lhe acrescentasse um punhado de palavras...

JOSÉ CARDOSO PIRES 1925-1998

Um Hemingway que não foi à caça

■ Reacções ao desaparecimento de Cardoso Pires são muitas, algumas de além-fronteiras.

Jorge Sampaio. «Um grande cidadão, grande amigo, grande companheiro», afirmou o Presidente da República ao referir-se, ontem, a José Cardoso Pires, «alguém que conhecia a vida e as voltas que ela dá, que soube perceber a mudança numa sociedade (a portuguesa) e a sua passagem do obscurantismo para uma sociedade mais aberta.»

António Guterres. «Perdemos todos o convívio com um brilhante escritor deste século», disse o primeiro-ministro ao ter conhecimento da morte de Cardoso Pires. E acrescentou: «Era uma pessoa que conheci e admirava profundamente. Vai fazer-nos muita falta. Não só pelo que escreveu mas também pela sua intervenção na vida pública.»

Manuel Maria Carrilho. «Portugal perde um dos maiores vultos dos últimos 50 anos da sua literatura», disse o ministro da Cultura, confrontado com o desaparecimento de Cardoso Pires, «homem multifacetado», que teve «uma acção muito importante não só como escritor mas também como editor.»

PCP. «A morte do grande escritor é também a perda do cidadão combativo, vertical e solidário, do democrata empenhado e interveniente, do homem de esquerda que sempre se situou ao lado da liberdade e da democracia, dos explorados, dos humilhados e ofendidos», considerou a Comissão Política do PCP.

APE. «José Cardoso Pires marcou profundamente a literatura portuguesa, através de uma obra com traços de singularidade e inovação», disse José Manuel Mendes, presidente da Associação Portuguesa de Escritores. «A sua obra fez dele uma referência central para sucessivas gerações de leitores, entre as quais a minha. Curvo-me muito comovidamente, em nome pessoal e em nome da instituição a que presido, diante da sua memória.»

SPA. «A literatura portuguesa, enriquecida com o Nobel, fica mais pobre com a perda de Cardoso Pires», disse Luís Francisco



MORTE BRANCA. «Aquilo foram dez dias e, ao fim desses dez dias, estava porreiro. Eles não sabem o que foi aquilo»

Rebelo, presidente da Sociedade Portuguesa de Autores: «De palavras se serviu exemplarmente Cardoso Pires para contar as suas ficções e se afirmar como cidadão interveniente. Sem palavras ficamos ante a notícia da sua morte.»

Agustina Bessa-Luís. «A sua morte, pelas condições em que ocorreu, representa uma libertação, mas é também uma grande perda para as nossas letras», disse a escritora e acrescentou: «Tenho pena que uma pessoa que conheci bem e que possuía muitas qualidades tenha desaparecido.»

Alçada Baptista. «Além da minha grande amizade pessoal por José

«Morreu um grande escritor português»

José Saramago quebrou, ontem, no Salão Nobre da Câmara Municipal de Coimbra, o protocolo da cerimónia destinada a outorgar-lhe a medalha de ouro da cidade a fim de solicitar um minuto de silêncio em memória de José Cardoso Pires.

«Morreu hoje um grande escritor português», justificaria o Prémio Nobel da Literatura este seu pedido em memória do autor de *O Delfim*.

Coimbra, que teve sempre «por hábito e bom costume»,

como diria o autarca Manuel Machado, «prezar os poetas e os escritores», decidiu galardear Saramago porque este soube, «mediante processos inovadores, linguísticos e formais, questionar o nosso universo e inquietar a essência humana dos fazedores do nosso mundo».

Os dirigentes e intelectuais do PCP/Coimbra aproveitaram a oportunidade para saudarem, por seu turno, o escritor o «camarada e lutador coerente».

Cardoso Pires, não posso esquecer a importância da sua escrita na minha geração. Trabalhava exaustivamente os seus textos e isso fez-lhe criar com a língua portuguesa uma grande compacidade, diria uma grande intimidade, pelo que, neste momento, lembro igualmente as duas coisas que citei: a falta de um amigo que perdi e a de um grande escritor de língua portuguesa. Felizmente, ficam-nos as suas obras.»

Basílio Losada. «Era um homem de muitas actividades e uma vida com muitos registos», disse o professor de literatura portuguesa e galega e tradutor para castelhano de Cardoso Pires, que considera como «uma das grandes figuras da narrativa portuguesa».

Craveirinha. «É daquelas perdas que de tão irreparáveis não se tem palavras para definir», disse o poeta moçambicano, acrescentando: «Apesar de não ser surpresa, a morte de Cardoso Pires é sempre uma grande dose de amargura, porque é uma perda muito grande para a literatura e a língua portuguesa, em geral.»

Carlos Reis. «A escrita de Cardoso Pires equilibrou-se sempre, com notável mestria, entre o registo irónico, a sátira política, o discurso de inquérito, a crónica do quotidiano e a questionação das experiências psicológicas mais íntimas», disse o director da Biblioteca Nacional, sublinhando que o escritor agora desaparecido permanecerá entre os portugueses como «um nome a vários títulos incontornável».

Eduardo Lourenço. Cardoso Pires era um «Hemingway que não foi à caça ao leão a África. Um grande conhecedor e amante da vida em todos os seus aspectos. Um dos escritores portugueses mais importantes desta segunda metade do século XX, extremamente original, sobre o qual o futuro dirá qual é o seu lugar entre os seus contemporâneos», considerou o ensaísta.

Eugénio de Andrade. «Com ele desapareceu um dos nossos grandes prosadores, um dos maiores. Disso não é ocasião para falar, são tão poucos os amigos que, ao desaparecer um deles, e ele não um qualquer, se fica na verdade mais pobre», disse o poeta.

OS LIVROS



«**Histórias de Amor**» (1952)
Contos

Apesar do artificial do título, esta obra de vários contos foi apreendida pela PIDE, logo após o lançamento. José Cardoso Pires, também encarcerado pela polícia política, foi chamado à Censura que lhe apresentou uma alternativa: ou ele promovia uma nova edição mutilada ou o livro continuava apreendido. Optando pela apreensão da obra, Cardoso Pires acabou por ser submetido pela PIDE a um interrogatório violento.



«**O Anjo Anorado**» (1958)
Romance

Simplesmente, um romance onde «conto coisas», para utilizar as suas próprias palavras. Ou então, à semelhança do que se verifica em *O Delfim*, um romance com «uma linha de procura sistemática de transfiguração dos mitos da realidade contemporânea portuguesa», daqui resultando «uma recuperação contínua dos valores tempo e espaço». Este *Anjo* teve três versões. Nem mais: «Era o dobro do que ficou.» Palavras suas.



«**O Render dos Heróis**» (1960)
Teatro

Para que conste, trata-se de uma «narrativa dramática em três partes e uma apoteose grotesca». Uma obra centrada nos habitantes do povoado de Vilar, chamou-lhe Cardoso Pires assim, nos confins do Alto Minho, e nos motivos que levaram os seus habitantes a espalharem-se, numa «noite de quinze para dezasseis de Abril», pela serra bárbara. No fim da peça, o pano não poderia correr, senão, como se indica, «sobre o choro de uma criança».



«**Cartilha do Marialva**» (1960)
Ensaio

Um dia perguntaram-lhe qual o melhor livro que já lera. Cardoso Pires não teve dúvidas na resposta, muito menos na justificação: «A «Cartilha Maternal», de João de Deus, porque nunca mais me esqueci do que lá li.» Outra cartilha redigiu ele «a propósito de alguns provincialismos comuns». Ilustrada com «exemplos reais». Os exemplos dos «marialvas», que o convencionalismo pequeno-burguês associa aos boémios e estoura-vergas.



«**Jogos de Azar**» (1963)
Contos

«São as grandes histórias de desocupação (...), de criação de meios de realização, num plano objectivo em que as crepuscularidades da angústia não desempenham, mea culpa, papel tantas vezes conveniente e gostoso preocupado dos espectadores». A apresentação é do próprio escritor, que define este livro como «o pressentimento, a sua de intuição com que todo o narrador (...) estabelece certas relações para definir a natureza».

...à guisa de Prefácio. Não mo pediu directamente...

JOSÉ CARDOSO PIRES 1925-1998

Desapareceu um grande dinossauro

Fonseca e Costa. «Era um grande amigo de há muitos anos. São tantas e tão variadas as relações que mantivemos que me deixa numa grande tristeza. Era um ser humano extraordinário, de uma grande generosidade e presença, aliada ao seu grande sentido de humor. Foi o maior escritor português», disse o realizador de *A Balada da Praia dos Cães*.

Galopim de Carvalho. «Quando o homem que, há meses, nos surpreendeu e nos levou ao mundo fantástico do *de Profundis*, publicou o seu *Dinossauro Excelentíssimo* – há quantos anos, não sei, mais de um quarto de século – eu nada sabia destes bichos que ainda hoje enchem o imaginário das crianças e o mundo real de muitos de nós. Então, tratar de dinossauro o todo poderoso Presidente do Conselho foi um acto de coragem que ecoou e perdurou. Dinossauro tinha a carga de algo de medonho, gigantesco e disforme. Não era como hoje, um bicho simpático e fofo das pelúcias. Dinossauros são, hoje, os homens públicos que se distinguem pelas suas obras e estatura moral. Assim sendo, perdemos ontem um grande dinossauro.»

Lídia Jorge. «Lamento profundamente que tenha desaparecido um escritor notável, deixando uma obra malgradadamente interrompida. A narrativa seca e densa que distingue a prosa de Cardoso Pires, continua a não ter paralelo entre nós. Mordaz e terno, ao mesmo tempo como mais ninguém. *O Hóspede de Job* e *O Delfim*, foram obras que li como revelação nos anos 60. Muitas pessoas da minha geração lhe devem isso. O seu lugar não pode ser esquecido nem ocupado. A sua ausência tem pesado muito.»

Lúcia Lepecki. «O maior escritor do nosso século» disse a docente universitária e adiantou: «A sua morte significa uma perda irreparável para todos os povos de cultura portuguesa.»

Manuel Alegre. «Desmontou o machismo, o clericalismo e um certo militarismo com uma prosa

luminosa, muito depurada. Com ele, penso que a língua portuguesa atingiu um patamar altíssimo. Foi um dos homens que ensinou a minha geração a pensar e a escrever», sublinhou, adiantando: «Cardoso Pires fazia parte de Lisboa, vamos ter saudades dele.»

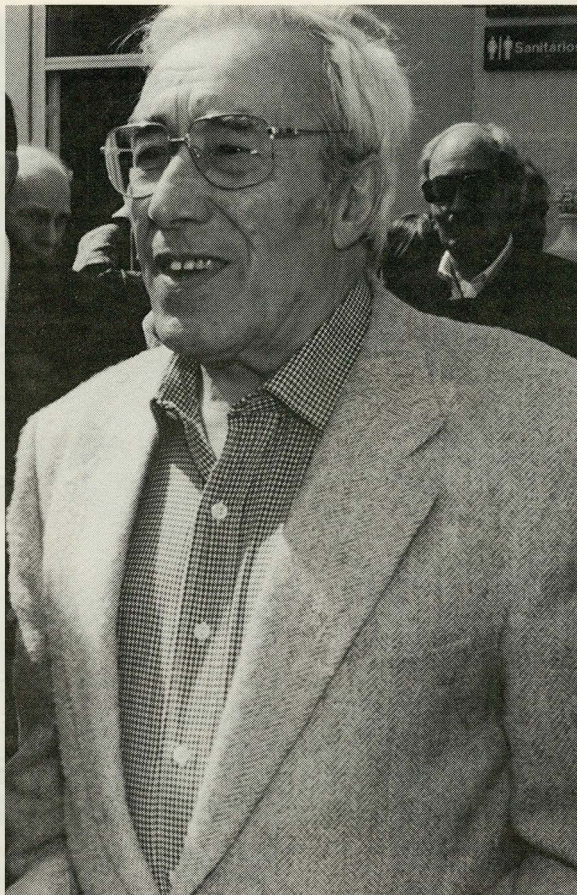
Marcelo Rebelo de Sousa. «Foi uma pessoa que viveu intensamente a vida até ao último instante», disse o líder do PSD que fez questão de recordar a «lealdade, alegria e jovialidade» que marcaram a vida do escritor, características que não perdeu «mesmo com a dolorosa falta de saúde».

Oscar Lopes. «Com a sua morte desaparece um dos nossos mais competentes narradores e, certamente, um dos nossos artistas mais atentos às complexidades da escrita do romance», disse o escritor, adiantando: «A sua obra é relativamente pequena em relação à sua elaborada consciência artística, que é a mais elevada de todos os modernos ficcionistas portugueses.»

Raul Solnado. «É uma grande tristeza o seu desaparecimento. Os amigos vão ter uma grande saudade porque era um homem solidário, um companheiro. Gostaria de falar na família e na sua tristeza, que sofre há tanto tempo e tão violentamente. Não é preciso dizer que era um grande escritor, toda a gente o sabe.»

Rita Desti. «Era um grande escritor e um homem de grande sensibilidade. E estas coisas nem sempre coincidem», disse a docente universitária e uma das tradutoras italianas de Cardoso Pires, «um grande amigo» cuja obra «grandíssima pela utilização linguística e pelas estruturas narrativas tem, infelizmente, ficado em segundo plano pela importância dada a Pessoa» e outros.

Urbano Tavares Rodrigues. «Desaparece das nossas letras um escritor original e incisivo da linhagem de Hemingway, de Roger Vaillant, e eu perco um amigo da juventude, que sempre estimei profundamente», disse o escritor.



MOTIVAÇÃO. «Porque escrevo? Porque me dá felicidade, primeiro que tudo»

Fernando Lopes vai filmar «O Delfim»

■ «O Zé estava minimamente satisfeito com a minha adaptação do *Delfim*. O protagonista, Tomás Palma Bravo, à sua maneira, é um *Dinossauro Excelentíssimo*, é monstruoso e *compassionable*. É por aí que vou no filme. Filme sobre uma raça que estava já a extinguir-se e ainda não sabia. O livro fala de Portugal, que apodrecia.

Tive algum trabalho inicial de discussão com o Zé, há três anos, sobre linhas gerais possíveis para a adaptação. Fizemos então um contrato. Vou concorrer com esse projecto ao IPACA em Novembro e são necessários contactos com o estrangeiro, para a co-produção – porque é um filme caro, com reconstituição de época, uma série de personagens fortes –, mas terá actores portugueses. Levei muito tempo na adaptação, é um traba-

lho difícil, denso, complexo. Precisa também que se tenha em conta o resto da obra, *A Cartilha do Marialva*, o *Dinossauro Excelentíssimo*, as *short stories*...

Toda a gente, quando lê *O Delfim*, diz que o filme está ali já, mas não é simples assim; pelo contrário. É preciso recriar em imagens a riqueza da escrita. *O Delfim* é um dos maiores romances portugueses deste século e mesmo um dos romances do século. Além de Sá Caetano, também o Carlos Saura esteve muito interessado em adaptar o livro, mas transpondo-o para Espanha, coisa que não interessava muito ao Zé. E o projecto não foi por diante. O próprio Fonseca e Costa tinha tido a ideia de adaptar *O Delfim*, como *O Anjo Acorado*, mas acabou por fazer *A Balada da Praia dos Cães*»

CRÓNICA

Um amigo próximo



MÁRIO SOARES

José Cardoso Pires foi um amigo próximo de há mais de 50 anos. Conheci-o quando andava, salvo erro, na Faculdade de Ciências e antes de publicar «Caminheiros e outros contos» (1949). Pertencemos, longos anos, aos mesmos grupos e tertúlias, simpatizantes do neo-realismo e tendo os mesmos amigos e alguns dos mesmos mestres como referência. Fizemos todos o longo percurso da vida combatendo do mesmo lado e com raríssimas divergências.

Quando se perde um amigo, na nossa idade, para além da dor, há um sentimento nostálgico irremediável que tem a ver com a geração, a nossa, que se aproxima do fim natural. É inevitável e humano.

José Cardoso Pires foi um grande escritor, de estilo sóbrio e depurado, que nos deixou alguns dos livros mais marcantes da nossa literatura contemporânea. Como tal está a ser reconhecido e traduzido no estrangeiro. Teria merecido também, incontestavelmente, o prémio Nobel. Infelizmente não teve, em vida, as homenagens que merecia. Tê-las-á, seguramente, a título póstumo.

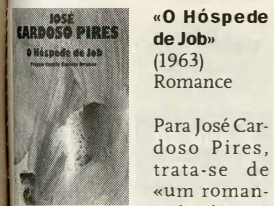
O ano passado o prémio Pessoa foi-lhe atribuído. Tendo em vista a totalidade da sua obra, obviamente, mas em especial as duas verdadeiras obras primas que escrevera após a sua anterior doença, que o levava às portas da morte: «De Profundis, Valsa Lenta» e «Lisboa, livro de bordo – Vozes, olhares, memorações». Raramente a literatura portuguesa terá atingido uma tal densidade de escrita, com tamanha sobriedade, inteligência e economia de meios.

José Cardoso Pires foi um ser solidário, um interventor cívico, presente em todos os combates generosos, um progressista, que acreditava na condição humana e no progresso. A seu modo, foi um lutador permanente contra a ditadura (lembre-se «O Dinossauro Excelentíssimo») e, por isso, foi durante muitas décadas um escritor proscrito pelo antigo regime.

Depois do 25 de Abril foi director do *Diário de Lisboa* e um escritor sempre presente nas grandes lutas cívicas que conduziram à consolidação da democracia portuguesa. Amigo e compadre de Salgado Zenha, definiu-se sempre como um homem de esquerda independente.

A morte de José Cardoso Pires representa uma enorme perda para as letras e a cultura portuguesas. Deixou de escrever um grande escritor. A posteridade far-lhe-á justiça e a sua memória perdurará, muito grata, em quantos tiveram o privilégio de ser seus amigos.

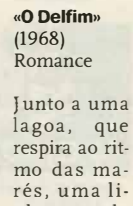
Lúcia Lepecki



«O Hóspede de Job» (1963) Romance
Para José Cardoso Pires, trata-se de «um romance ingénuo». O que não lhe retira valor, pelo contrário, na medida em que «foi a primeira vez que alguém escreveu sobre o Alentejo sem utilizar um termo alentejano, um calão local. É tudo linguagem citadina». Nesta perspectiva, é também «um livro político», um livro que, afirmou-o em 1988, não voltaria a escrever de outra forma, a despeito de «haver mais liberdade».



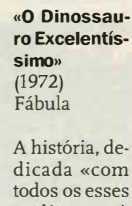
«O Delfim» (1968) Romance
Junto a uma lagoa, que respira ao ritmo das marés, uma linhagem de Palma Bravos preside aos destinos de uma coutada de caça e pesca desde o século XVII. Numa fase de pousio, o Delfim, o último dos Palma Bravo, envolve-se em acontecimentos terríveis. O escritor-caçador reconstituiu o puzzle a partir de dados dispersos. O livro teve quatro versões. «Em O Delfim, despisto-me numa sucessão de planos dialécticos», disse Cardoso Pires.



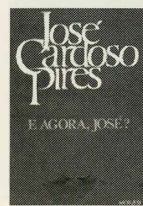
«O Dinossauro Excelentíssimo» (1972) Fábulas
A história, dedicada «com todos os esses e (dê) erres à Ana Cardoso Pires e também à Rita», como escreveu o autor-pai, fala das atribuições de um jovem dinossauro que «estava escrito que iria subir muuuiiiiíssimo na asa da compostura». Tanto que se tornou imperador. Um imperador todo-poderoso e todo-esquizofrénico, a mimar os todo-poderosos deste mundo. «É um divertimento; um capriccio, se quiserem...», escreveu o autor.



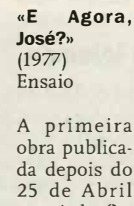
«E Agora, José?» (1977) Ensaio
A primeira obra publicada depois do 25 de Abril não é de ficção. Recolha de vários textos ensaísticos, este livro segue-se a um período de auto-reflexão. Com o título retirado de um poema de Drummond de Andrade, *E Agora, José?* conta com um texto que desmonta o seu romance mais importante, *O Delfim*, de 1968. Contém também muitos depoimentos sobre a Censura política portuguesa do Estado Novo e sobre a ressaca pós-revolucionária.



«E Agora, José?» (1977) Ensaio
A primeira obra publicada depois do 25 de Abril não é de ficção. Recolha de vários textos ensaísticos, este livro segue-se a um período de auto-reflexão. Com o título retirado de um poema de Drummond de Andrade, *E Agora, José?* conta com um texto que desmonta o seu romance mais importante, *O Delfim*, de 1968. Contém também muitos depoimentos sobre a Censura política portuguesa do Estado Novo e sobre a ressaca pós-revolucionária.



«E Agora, José?» (1977) Ensaio
A primeira obra publicada depois do 25 de Abril não é de ficção. Recolha de vários textos ensaísticos, este livro segue-se a um período de auto-reflexão. Com o título retirado de um poema de Drummond de Andrade, *E Agora, José?* conta com um texto que desmonta o seu romance mais importante, *O Delfim*, de 1968. Contém também muitos depoimentos sobre a Censura política portuguesa do Estado Novo e sobre a ressaca pós-revolucionária.



«E Agora, José?» (1977) Ensaio
A primeira obra publicada depois do 25 de Abril não é de ficção. Recolha de vários textos ensaísticos, este livro segue-se a um período de auto-reflexão. Com o título retirado de um poema de Drummond de Andrade, *E Agora, José?* conta com um texto que desmonta o seu romance mais importante, *O Delfim*, de 1968. Contém também muitos depoimentos sobre a Censura política portuguesa do Estado Novo e sobre a ressaca pós-revolucionária.

...estou bem consciente de até onde deve ir o sapateiro...

JOSÉ CARDOSO PIRES 1925-1998

Deslumbramento e cumplicidades de Vicente Jorge Silva

■ «Se voltar a filmar, fá-lo-ei por José Cardoso Pires». Um «fascínio antigo», que remonta à adolescência, e uma amizade «que apesar de não ser íntima» viveu de muita cumplicidades dita o tom seguro com que Vicente Jorge Silva anunciou ao telefone, ao DN, esta promessa.

O ex-fundador e director de *O Público* admira a linguagem branca, seca, de planície, do escritor que descobriu muito jovem, em *Anjo Acorado*, e que só veio a conhecer muitos anos depois.

«José Cardoso Pires não foi um escritor de adjectivos mas de substantivos». A essa forma que deslumbra Vicente Jorge Silva — e que o levou a reler bem recentemente *O Delfim*, depois de *De Profundis*, *Valsa Lenta* — o jornalista acrescenta uma série de cumplicidades com aquele que considerava o «maior romancista da actualidade, sem maior desprezo por José Saramago».

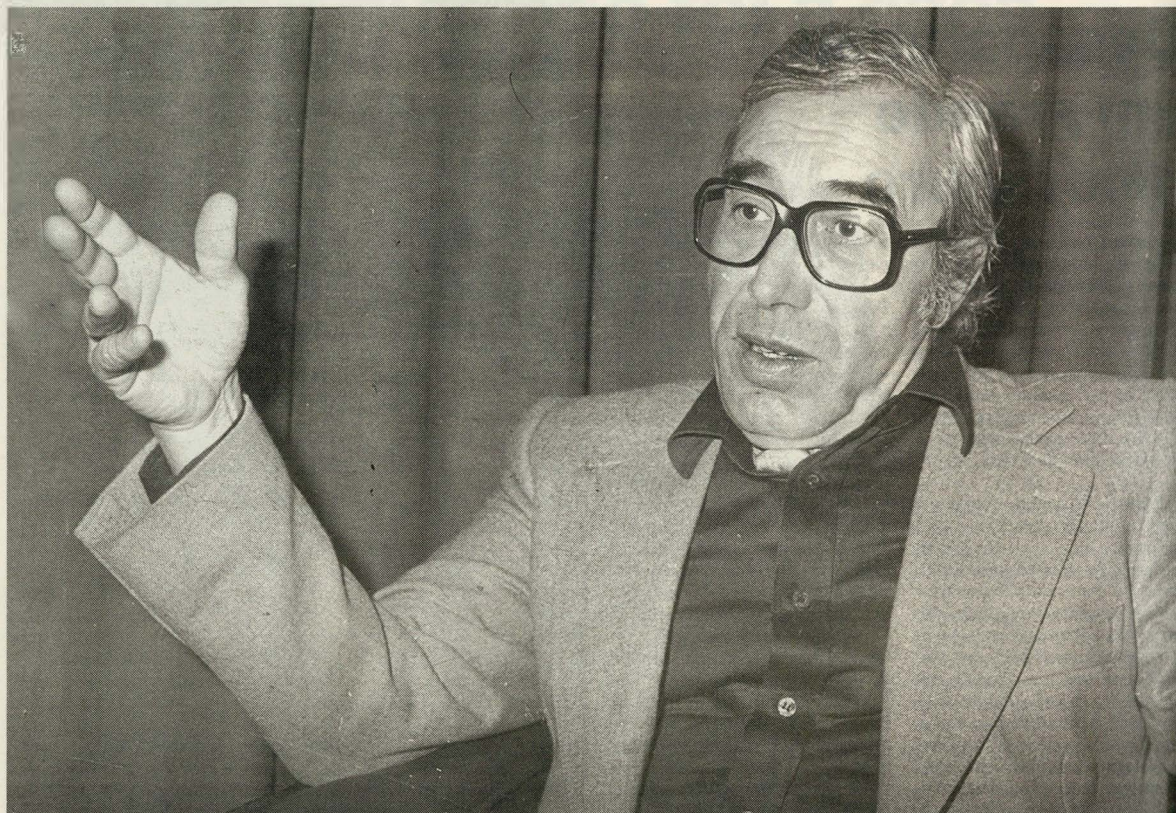
Vicente Jorge Silva conheceu José Cardoso Pires quando da fundação do jornal *O Público*. Dos encontros que teve com o escritor lembra o prazer que tinha de comer e beber durante horas seguidas na companhia de José Cardoso Pires. E da forma como se sentia por ele desafiado.

Com o escritor, Vicente Jorge Silva partilhou também essa experiência única que é regressar de uma morte clínica.

O reconhecimento de José Cardoso Pires por *Porto Santo*, o primeiro filme de Vicente Jorge Silva, anunciado no dia em que o jornalista apresentou a sua obra aos amigos também não é esquecida. Pareceu-lhe «uma benção».

«No fim do filme, José Cardoso Pires manifestou um entusiasmo invulgar». Ao elogiar *Porto Santo*, «senti que Cardoso Pires me estava a dizer que eu me identificava com a escrita dele, seca, sem ser árida, de grande luz e clareza, que sempre perségui no jornalismo sem nunca a conseguir atingir».

Esta nova cumplicidade, descoberta por Vicente Jorge Silva, leva-o a dizer que Cardoso Pires o irá acompanhar sempre. Na vida ou nos filmes: «Como uma espécie de identidade protectora», concluiu.



IMAGINAÇÃO. «Uma das funções da literatura é não só “prever” o passado como prever o futuro. O importante na escrita é o como dizer»

O ano do gosto e dos desgostos

VALE MOUTINHO

Não há balanço possível deste ano literário sem contracções do rosto. Não tarda, José Saramago receberá o Prémio Nobel em Estocolmo e proferirá o seu discurso, que promete de exortação à justiça social.

É o gosto do ano de 1998. Porém, este ano agoniza com a perda de três escritores que com o autor de *Levantados do Chão* comunicavam os mesmos ideais — salvo este ou aquele matiz de somenos importância. Maria Judite de Carvalho e as suas inequívocas e amargas crónicas e fábulas dos bastidores da sociedade neoliberal em ascensão, Wanda Ramos e os seus romances de memória emergente das Áfricas e do fundo do fundo dos sentidos, e de José Cardoso Pires, um extraordinário escarpelizador da sociedade do seu tempo, decerto a única alternativa portuguesa como candidato exemplar ao Prémio Nobel da Literatura. O gosto e os desgostos

destas vicissitudes agradável e desagradáveis atingem profundamente 1998. E, convenhamos, ultrapassam o registo local do que se publicou e premiou, não obstante o Grande Prémio de Romance da Associação Portuguesa de Escritores ter ido parar às mãos de um «escritor maldito», Rui Nunes. Este acabar de ano em fim de milénio está a ser particularmente perturbador. E, no entanto, só à conta de quanto foi dito, não duvido corresponder à época que levou mais gente a aproximar-se dos escaparates das livrarias, comprando livros à conta de dois involuntários *marketing* de pólos bem opostos!

O que desaparece com José Cardoso Pires, se a obra que nos deixou está aí, viva, nos seus livros? Sendo um dos raros escritores profissionais portugueses, o autor não se obrigava a uma produção contínua. Cada um deles era trabalho de aturada elaboração e diferente dos demais. «Nunca escrevi um poema na minha

vida. E ensaio, só mesmo contra a Censura», disse uma vez. Mas é verdade que logrou construir um texto para além dos géneros, a nível de prosa, entre a crónica e o ensaio. *E Agora, José? E A República dos Corvos*, por exemplo. E quem o seguiu na linha sarcástica de *Dinossauro Excelentíssimo*? Poderíamos falar desse desmascarar da PIDE na peça de teatro *Corpo-Delito*. Ou dessa fabulosa crónica romanceada — nem sei se assim se lhe pode chamar — *A Balada da Praia dos Cães*, que obteve o Grande Prémio de Romance da APE. Mesmo *Alexandra Alpha* ou este mais recente dizer autobiográfico sobre a sua experiência de viagem à Morte. Aliás, vemos como a Morte não resistiu em fazer-se desenhar/celebrar por tamanho artista e, conquanto consentindo-lhe um belíssimo aceno de adeus à sua Lisboa amada, logo o recolheu, num sófrego mas de agonia impiedosa.

«O escritor é um animal ingrato, incómodo. Deixa de ser artista

quando satisfeito. Pelo contrário, é uma testemunha exigente, muito incómoda para o Poder. Se presente numa sociedade democrática, é o dinamizador das contradições e da consciência. Não vive numa concessão de ideal, sua força é relativa, diria até que muito pequena. Está cada vez mais nas sociedades evoluídas, subjugado à comunicação massiva, à televisão, à máquina infernal» dando, assim, notícias do interior da sua práxis, Cardoso Pires era traduzido, lido, premiado e amado internacionalmente. Óscar Lopes, em entrevista ao DN, há dois anos, apontava-o como seu candidato ao Nobel. O que decerto não duvidamos é que o seu discurso de Estocolmo teria uma frontalidade cívica afim de Saramago. E, nas sombras, contaria com o aplauso daquelas duas escritoras, Maria Judite de Carvalho e Wanda Ramos, que o precederam na viagem àquele insondável universo onde ele já havia ido e regressado para o contar como ninguém.

OS LIVROS

Traduzido em diversos idiomas

A obra de José Cardoso Pires é conhecida um pouco por todo o mundo, com livros traduzidos em 14 línguas. Em francês podem ser lidos *O Hóspede de Job*, *O Anjo Acorado*, *Alexandra Alpha*, *A República dos Corvos*, *O Delfim*, *Balada da Praia dos Cães* e *Lisboa, Livro de Bordo*. Os três últimos encontram-se também traduzidos em alemão, juntamente com *Dinossauro Excelentíssimo* e *De Profundis*, *Valsa Lenta*.

Os *Caminheiros* e *Ritual dos Pequenos Vampiros* estão apenas traduzidos em inglês, língua em que também se podem

ler *O Hóspede de Job* e *A Balada da Praia dos Cães*. Este último encontra-se ainda em romeno, búlgaro, italiano (juntamente com *O Hóspede de Job*), catalão, castelhano e grego. Também em grego *O Anjo Acorado* e *Lisboa, Livro de Bordo*.

Em castelhano estão ainda *Alexandra Alpha* e *O Delfim*, que pode ser igualmente lido em finlandês, checo, búlgaro, polaco, romeno, holandês e italiano. Também em italiano *Lisboa, Livro de Bordo*, e em russo e húngaro *O Hóspede de Job*. A obra encontra-se ainda publicada no Brasil.



«O Burro em Pé» (1979) Contos

Em entrevista à revista *Mais* (Maio de 1983), o escritor garantiu

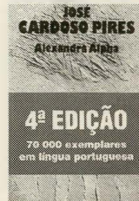
tratar-se dos contos de que gostava mais, lamentando, talvez por isso, que não tenham tido «saída». Na introdução, reproduz-se uma «conversa, a várias vozes, numa casa de pasto do Poço do Bispo, Lisboa», rematada sabiamente pelas palavras de uma mulher, depois de ouvir desdenhar daquele jogo de cartas: «Tem-se dado muita desgraça nas brincadeiras de criança, sim senhor.»



«Balada da Praia dos Cães» (1982) Romance

Grande Prémio de Romance e de Novela da

APE, por unanimidade, este livro foi adaptado ao cinema por Fonseca e Costa. História que vai beber na realidade, *A Balada...* foi um projecto várias vezes adiado pelo escritor, que, apesar de tomar contacto com os protagonistas do caso real antes do 25 de Abril, só o resolve escrever depois. «Com toda a liberdade» e não se circunscrevendo à história verídica.



«Alexandra Alpha» (1987) Romance

Este é primeiro romance do autor que

ação se prolonga para além do 25 de Abril. A personagem principal é uma falsa solteira e a narrativa desenrola-se entre o despenhar de um anjo caída e a ascensão de uma aviação que leva para morte duas amigas de mão dada. No meio, Lisboa, uma sucessão de personagens exóticas. Ou, como disse Cardoso Pires, «esta história terá muito olhar com que for lida. Deixa-o mão de quem lhe pegar».

...e Prefácio para obra sua era demais para este remendão...

JOSÉ CARDOSO PIRES 1925-1998

Confissões sobre a escrita

«Escrever é uma meditação e uma descoberta de mim próprio.»
DN, 1/02/81

«Também confio nos acasos e surpresas da escrita. A ficção não é uma organização matemática nem funciona como uma demonstração mais ou menos elíptica. Funciona ocultando e provocando. Costumo dizer que a primeira coisa necessária para escrever é saber gramática, a segunda é esquecê-la.»
DN, 1/02/81

«Um tipo escreve para se identificar a si próprio, para se identificar com a língua, com o país e tudo o mais. Esse jogo obriga a identificar os outros. Nós só nos identificamos identificando os outros.»
DNA, 21/12/96

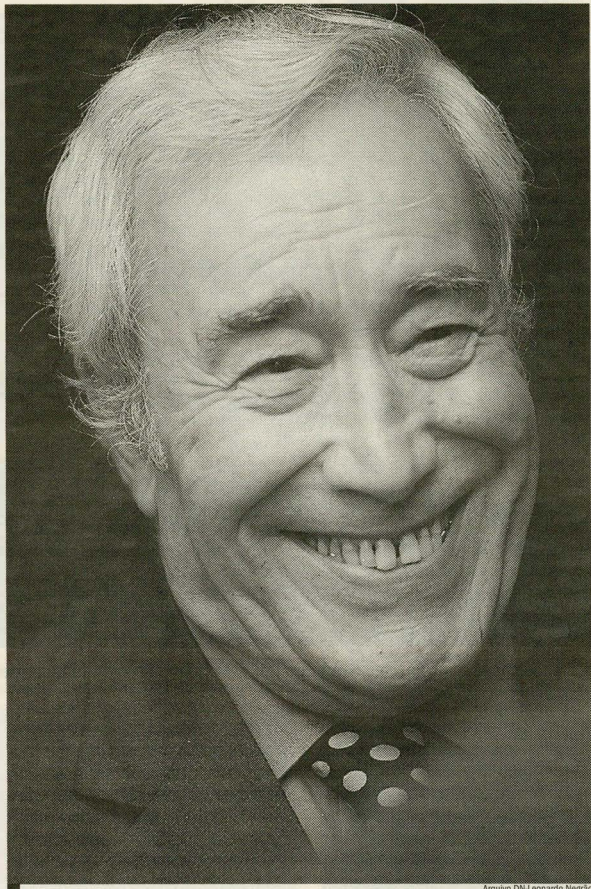
«... quem fala muito acerta pouco. Mas, como sabe, os livros são como as relações com as mulheres: os gajos que estão sempre a contar engates e fornicações são os que fornicam menos. Os tipos que fazem um grande espanto, que enfatizam extraordinariamente a teoria, a escrita à volta dos seus livros, não são muito verdadeiros nisso.»
DNA, 21/12/96

«... em tudo o que é criativo, seja no amor, ou neste caso na escrita, tem de haver algum mistério.»
DNA, 21/12/96

«Não gosto muito de rever a mim próprio nos livros. É uma chatice quando a imaginação de um escritor começa a falhar e o obriga a ir buscar argumentos à sua própria vida...»
DNA, 21/12/96

«O motor da escrita, a provocação da escrita, não pode ser uma coisa muito simples, substantiva, sem barroquismos, como eu, só atinge esse estilo se antes o gajo reflectir sobre essa escrita. Quanto mais complexa for a minha construção mais à vontade eu estou. Mas, sabe?, não se é um bom escritor sem acasos. Os acasos são fundamentais.»
DNA, 21/12/96

«A ficção só cai bem quando o leitor sente uma força criativa que o ultrapassa. Enquanto o autor está dentro dele e ele está a dominar a



Arquivo DN-Leonardo Negro

OPÇÃO. «Prefiro, em literatura, pecar por defeito a pecar por excesso»

situação, o gajo, o leitor não vai lá. O leitor, de repente, tem de se render...»
DNA, 21/12/96

«... prefiro, em literatura, pecar por defeito a pecar por excesso. Prefiro dizer de menos do que dizer de mais, porque, se digo de mais, mato o leitor, o leitor apaga-se. Apaga-se a sua suspeita.»
DNA, 21/12/96

«Um dos grandes trabalhos do bom romancista é escapar às receitas, aos modelos, aos truques clássicos.»
DNA, 21/12/96

«Não considero que seja um livro terminal. Digamos que *De Profundis* será, quando muito, na minha opinião, um espaço branco no meio da minha escrita, da minha obra. Eu nunca pensei escre-

ver este relato, ou esta memória, não sei como posso chamar a este texto...»
DN, 11/06/97

«Com esta escrita [a de *De Profundis*] descobri uma coisa em que nunca tinha pensado, é que o bem mais precioso do homem é a memória. Mais que a inteligência. A inteligência não pode existir sem memória, é a base do ser humano.»
DN, 11/06/97

Ainda sobre *De Profundis*: «Estava a descrever uma paisagem branca e portanto impunha-se uma forma descolorida da escrita (...). Eu não tinha consciência do outro quando andava por lá. Só quando voltei ao lado de cá é que verifiquei que tinha sido outro durante dias.»
DN, 11/06/97

CRÓNICA

Um riso demolidor



FRANCISCO JOSÉ VIEGAS

Ele sabia o que era um personagem, vivia com eles, era um grande biógrafo. Olhava-os de frente muitas vezes, como nestes últimos tempos deve também ter olhado a morte.

Em certos dias – mas sobretudo em certas noites – o encontro era ténue, precisava de mais desenhos, esboços, papéis desarrumados, fotografias soltas, estudos de pormenor.

De outras vezes, porém, parecia que o encontro fora premeditado: escritor e personagem encontravam-se sem ter maneira de escaparem um do outro.

E se há alguma coisa que reorganiza o universo de José Cardoso Pires enquanto autor, para lá da ironia, da amargura e da felicidade com que o descobrimos em cada página, os personagens que criou foram, certamente, o centro do seu trabalho.

Com algum exagero se poderia dizer que era esse, também, o centro do seu olhar sobre o País que passa como cenário de fundo em *Alexandra Alpha*, em *O Delfim*, ou na *Balada da Praia dos Cães*.

Um País que ele amava e temia, e que o amava (porque o lia, embora da forma preguiçosa como os portugueses lêem quase tudo o que é da casa) e que o temia também, porque cada livro de José Cardoso Pires trazia consigo esse riso demolidor, amargo, destruidor, cínico. Não já corrosivo – mas como se fosse material explosivo.

Neste aspecto, aquele desenho de D. Alexandra Alpha é soberbo. O modo como o livro abre, rasando o céu sobre Ipanema, conversando sobre um anjo descendo do azul carioca até se estatelar finalmente na praia, não faria prever a viagem de regresso, o retrato de grupo que percorre a fauna lis-

boeta, designando – um a um – os intérpretes das alegrias e das pulhices mais comuns desses anos. Estão lá todos, como temiam. Mas estão lá as grandes alegrias e aventuras do trabalho de escritor, a denúncia do jogo minucioso e subterrâneo que levava cada palavra na boca de um personagem a servir de entrada para um dicionário particular: o bestário semi-humano nacional.

Essa grande arte do romance de José Cardoso Pires – a grande arte de *O Delfim*, se me permitem – não vive de si própria, nem do virtuosismo ou intuição que se empresta aos escritores como uma dádiva de atenção: é um trabalho árduo, penoso muitas vezes, doloroso.

Os apontamentos de José Cardoso Pires para cada novo livro mereciam constituir, até, uma obra autónoma, tais as surpresas que revelariam aos que, sentados sobre a história da literatura mais recente, murmuram sobre a morte do romance: estará aí não só o desenho a grosso dessas vezes que habitam os seus livros, mas a galeria de personagens que se soltaram subitamente da mão do autor e iniciaram o voo para a eternidade que é a página de cada romance.

Cardoso Pires, talvez por perceber bem de mais a natureza do seu País e, até a natureza da sua relação com o seu País, disse um dia que «quem escreve livros para o público arrisca-se a levar pedradas».

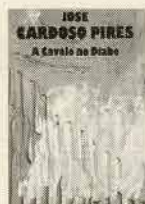
Mas ele teve essa outra virtude: a de não escrever os seus livros senão para que conservassem, dentro, o rumor de uma insubmissão permanente, de uma indignação a que nada podia retirar o brilho das grandes obras de arte, onde nada está a mais nem nada revela os cortes a que sujeito os manuscritos ou a rigorosa investigação efectuada para que cada capítulo funcionasse como uma fotografia do mundo, um retrato da miséria e do esplendor da vida.

E, portanto, quase tudo o que ele escreveu devia ser motivo de inveja. Até quando escreveu, de forma tão terna e divertida, sobre a sua própria morte.

«A República dos Corvos» (1988)

Livro que o autor escreveu a pensar no que classificou de «zoológicas dramáticas». Ou seja, «insectos kafkianos, pássaros de vozes, cães-polícias». E por aí fora, ou não fizeram eles «parte da paisagem do nosso dia-a-dia».

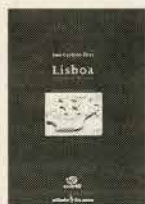
Objectivo assumido: «Criar uma república fabular encimada pelo corvo lisboeta. Uma espécie de zoo, em que o homem se visse a si próprio através do animal doméstico ou familiar que se viu a imagem das suas condições e dos seus mitos.»



«A Cavalhada no Diabo» (1994)

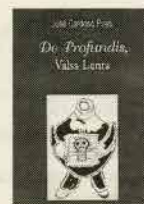
Uma citação de William Blake – «voa, pois, no dorso do Diabo, porque a fuga dos anjos te abrirá caminho, e assim verás mundos e ouvirás vozes que te eram interditos» – abre caminho a uma recolha de crónicas escritas para o *Público* e histórias inéditas. De Alvaro de Campos, como viajante anunciado, aos «imperadores do Chile», contam-se histórias de um velho Portugal marialva num país em vias de perder os seus traços rurais. Com Lisboa, a velha e a nova, omnipresente.

porque a fuga dos anjos te abrirá caminho, e assim verás mundos e ouvirás vozes que te eram interditos» – abre caminho a uma recolha de crónicas escritas para o *Público* e histórias inéditas. De Alvaro de Campos, como viajante anunciado, aos «imperadores do Chile», contam-se histórias de um velho Portugal marialva num país em vias de perder os seus traços rurais. Com Lisboa, a velha e a nova, omnipresente.



«Lisboa: Livro de Bordo» (1997)

Ao acaso das ruas, das estátuas, dos poetas, dos imperadores, dos corvos, sem império nem república estes, mas uma cidade. Lisboa onde, neste trabalho quase final renasce Sebastião Opus Nighth, Tabucchi, O'Neill... E a cidade por imagens, de Paula Rego a Botelho, do Procópio às «letras subterrâneas» das estações de metro. Deambulações íntimas entre a memória e a invenção, a vivência da cidade e a descodificação dos seus símbolos, o livro da cidade infinita.



«De Profundis (Valsa Lenta)» (1997)

A confissão é sua: «Está a ser muito difícil escrever este livro. Porque há uma parte em que sou eu, de facto, a contar o que me lembro de ter feito. E há uma outra parte em que eu conto o que fiz, mas de que não me lembro, coisas que alguém me contou.» Tudo sopesado, obra publicada: «É uma celebração, é o meu regresso à terra, à vida, à alegria. Aquilo que acabou por ser, para mim, uma morte amável.»

No fundo, trata-se de «um desabafo de gratidão».

Os prémios de uma carreira

Ao longo da sua vida, Cardoso Pires recebeu inúmeros prémios, entre os quais se destacam: Prémio Camilo Castelo Branco 1963 (*O Hóspede de Job*), Grande Prémio de Romance e Novela da APE 1982 (*A Balada da Praia dos Cães*), Prémio Especial da Associação de Críticos do Brasil 1988 (*Alexandra Alpha*), Prémio Internacional União Latina 1991, Prémio Pessoa 1997, Prémio D. Dinis 1997 (*De profundis, Valsa Lenta*), e Prémio Vida Literária da APE 1998.

...embora haja, talvez sem V. querer, ciência no seu livro...

JOSÉ CARDOSO PIRES 1925-1998

Entre a tranquilidade do mar e o céu

MANUEL NETO

Sempre que queria escrever, José Cardoso Pires fugia do reboiço de Lisboa e refugiava-se num apartamento da Costa de Caparica. Ali passou muitos dias da sua vida, sozinho, com o mar como pano de fundo de um fascinante cenário natural, e a imensa praia, onde dava longos passeios. Era também na Caparica que se reunia com alguns amigos mais íntimos, à conversa, a petiscar.

«Bebia jarros de água e fumava, fumava. Alimentava-se mal nesses períodos. Comia frequentemente daquelas papas para bebé e, de quando em quando, lá ia a um ou outro restaurante da Caparica, como Os Silvas, junto ao mercado. Lembro-me de ali termos comido sardinhas assadas, que ele acompanhou com água. Bebia muita água», recorda o jornalista e escritor Afonso Praça, que com ele conviveu.

«Tinha uma filosofia especial referente ao agregado familiar: "cada um deve ter a sua liberdade" – dizia. Por isso mesmo, só aos fins de semana é que a sua mulher o ia visitar. Não conseguia escrever no meio da barafunda da família e da cidade», adianta Afonso Praça.

«Fazia-o em cima de um tampo, uma mesa improvisada, junto à janela. Era lento. *Gostava de pensar com o aparo*. E era um torturado. Chegou a escrever quatro ou cinco versões do mesmo livro, como aconteceu com *O Delfim*. E não eram adaptações. Voltava a começar desde o início, frase a frase, página a página. Dizia-me que havia personagens que já não gostavam dele. Por vezes, alterava-lhes a importância. Foi o caso, por exemplo, do inspetor da Judiciária na *Balada da Praia dos Cães*, que inicialmente era secundário e que veio a ganhar outra importância». E conclui: «Fazia um trabalho árduo, complexo. Na sua escrita não há palavras a mais».

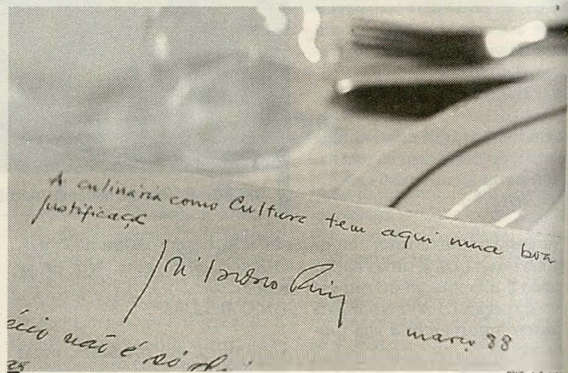
Foi com base neste *guião* que ontem nos deslocámos à Costa de Caparica para tentar retratar alguns dos passos do escritor. Mas a nossa tarefa começou da pior maneira. Hoje, o restaurante Os Silvas, onde José Cardoso Pires almoçou algumas vezes com o



POENTE. Na praia da Costa de Caparica, a tarde chegava ao fim, com o regresso das gaivotas e o Sol, implacável, a desaparecer no horizonte



HÁBITO. A mesa, junto à janela, que o escritor escolhia para almoçar



DEDICATÓRIA. Um rasgado elogio à Carolina do Aires

jornalista, seu amigo, Rogério Rodrigues, é uma moderna loja de óculos. Após muitos meses encerrado, o espaço foi vendido há coisa de um ano pelo dono de um talholocal (ontem ausente por ser dia de descanso no negócio). Indicaram-nos, então, que «outro dos poisos preferidos de José Cardoso Pires é a Carolina do Aires», um enorme restaurante assente em plena praia, ao fundo da Rua dos Pescadores.

Quem nos atendeu foi António Filipe, um dos proprietários e gerente do restaurante, que nos confirmou as diversas visitas que o escritor ali fez. «Logo por azar, o empregado que o costumava servir está de férias. Mas tenho aqui o livro de honra da casa, onde ele escreveu uma dedicatória». Ali se pode ler: «*A culinária como cultura tem aqui uma boa justificação*. Março 88». E, apontando para a mesa de um canto, junto à janela

da varanda coberta, explicou-nos: «Era ali que costumava comer, especialmente almoços».

«Era um cliente de poucas palavras. Não gostava de entradas. Só pão e azeitonas. Depois pedia um prato feito, como coelho à caçador, pato ou caldeirada de peixe. Não gostava de pratos encomendados, como peixe grelhado. Meio jarro de vinho para os dois – ele e a sua esposa – e raramente pedia uma sobremesa. Só café».

Em seguida, dirigimo-nos à imensa praia defronte do modesto apartamento onde, entregue a si mesmo, Cardoso Pires costumava abraçar a sua escrita. A tarde estava fria, ventosa, a puxar temporal.

Algumas pessoas passeavam, tranquilas, à beira-mar, uns cães corriam na areia que as ondas e as gaivotas iam conquistando, já o sol, implacável, desaparecia no horizonte.

CRÓNICA

Até sempre, José...



MÁRIO VENTURA

Não é fácil imaginar o José Cardoso Pires fora do mundo dos vivos. Fecho os olhos e só o revejo como há mais de 40 anos, quando o conheci: irrequieto, falador até à exaustão, um pouco traquinas, e um sorriso permanentemente aberto. A nossa amizade fizera-se à sombra de Alves Redol, de quem éramos uma espécie de irmãos mais novos, e que rejuve-

nescia com o nosso convívio. O Zé já não era só o jovem e promissor literato (como ele odiava a palavra literato...). Revelara-se com *Histórias de Amor*, um livro que só se encontrava nos circuitos políticos, depois de ter sido apreendido pela censura. A confirmação viria com *O Anjo Anorado*, que foi uma espécie de pedra na pasmaceira em que viviam e escreviam os nossos escritores, os aspirantes a sê-lo, e o excelentíssimo crítico João Gaspar Simões. Mas o Zé Cardoso parecia não tomar muito a sério o que se dizia dele e da sua enorme vocação de escritor: sorria, sorria, piscava o olho, lançava picardias, e parecia sempre a meio de um discurso penetrante e confuso. O Redol costumava dizer que as pa-

lavras não lhe acompanhavam o pensamento. Não tinha método nem rigor, mas era um indisciplinado brilhante. E se alguma vez testemunhei uma anomalia capaz de exceder a compreensão foi a de um espírito tão caótico e anárquico ser capaz de produzir, com a meticulosidade de um artesão, e a precisão de um relógio suíço, obras de tanto rigor e elaboração como *O Delfim* ou *O Hóspede de Job*. Não sabia estar quieto, e arrastava todos os que o rodeavam na febre dos projectos e dos sonhos. Preparava o «Almanaque», um fenómeno do jornalismo português que não voltou a acontecer (aprendam, se puderem), e assim enganava a ambição de vir a ser jornalista. E à sua volta criou-se uma verdadeira ter-

túlia de colaboradores, que ludibriavam a sornice nacional com uma ilimitada dose de humor.

Era no tempo em que os intelectuais falavam... (gritavam à lua, e abocanhavam o mundo, e muitas coisas mais), e, das discussões que se prolongavam pela noite, saiam com frequência os papéis que, no dia seguinte, faziam a ronda habitual para as assinaturas do costume. E o Pires sempre insatisfeito, se não era com a forma era com o conteúdo, se não com os outros, pelo menos consigo próprio. De revoluções, intencionas e outras coisas imperfeitas, Pires e caquéticos censores, de tudo se falava um pouco. De tudo se fazia a espuma desses dias, em que um talento como o de Cardoso Pires nos dava a certe-

za de não estarmos mortos. Depois, sentava-se à mesa, pegava na sua velha *Mont Blanc* e saía o que se sabe: uma obra ímpar na literatura portuguesa deste século.

Nos últimos anos víamo-nos pouco. Não nos afastáramos, circulávamos apenas, por entre o acotovelar dos que procuravam sempre as graças ou os apoios do senhor escritor, para ser fiel à sua expressão. O Zé aceitava-os, mas desfrutava-os um pouco.

A última vez foi pouco antes da sua última e definitiva crise. Era ao meio-dia de uma bonita manhã, em São Pedro de Alcântara. Estava feliz e sentia-se recuperado de todo. Convidou-me para tomar um copo. Recusei, fazia-se tarde. Agora, sinto remorso de não ter aceitado.

...qualquer correcção que neste sentido lhe sugerisse...

JOSÉ CARDOSO PIRES 1925-1998

CRÓNICA

«Cá andamos nós na vida»



MARIA
TERESA HORTA

Como olhar nos olhos a morte de um amigo, de um companheiro de vidas, de lutas, de alegrias, de múltiplas experiências e tantos jogos, também, não só de escrita, mas de espelhos, de convivência e de riso?

Não é de despedida que estou a falar, pois para mim o Zé está vivo: é, precisamente, da recusa do luto, do vazio, do nada absoluto postos no lugar do afecto, do corpo, da gargalhada solta e livre, da sua voz enrouquecedora e única, que tomava, tantas vezes, o preciso contorno da sua ansia de viver.

Voracidade. Foi assim que conheci o José Cardoso Pires: um homem corajoso, voraz em relação a tudo, todos os dias, dividido e uno, entre a escrita e a vida, pois para ele uma e outra sempre formaram um todo.

«Para escrever tenho que estar na vida. Quero conhecer tudo, viver tudo, para poder escrever tudo» – confessou-me um dia, a vermos o Sol que se punha sobre o mar, sentados os dois numa pequena mesa do Restaurante Mónaco. Ele tinha 33 anos e eu ia a caminho dos 20; duas gerações que se cruzavam no mesmo tempo. Lá fora, o mundo era luminoso, imenso e cheio de eternidade; muito embora o fascismo, a censura, o medo que por vezes aparecia de supetão, com a sua sombra tenebrosa a devorar-nos a alma.

Mas, o Zé era um homem corajoso, de ideais e de ética, nunca o vi virar as costas ao perigo, nem desdizer o que havia afirmado. Aprendi com ele a dar a cara, a

não ser hipócrita e a agarrar a vida com ambas as mãos, tomando até ao suco, até ao osso, o gosto, o gozo das coisas. «De todas as coisas, mesmo as mais simples ou as mais difíceis» – repetiu-me inúmeras vezes.

Para mim, foi generoso afirmando-se egoísta, foi sensível assumindo-se frio, na linha de um Robert Vien, de quem me deu a ler as *Memórias*.

Ironizou a tristeza que por vezes me assombrava o sorriso e tentou sem êxito ensinar-me a gostar de beber. Eu começava na escrita, ele acabava de publicar *O Arjo Ancorado*. Então, quis escutar-me e ler os meus poemas; por seu lado, contou-me planos, algumas das suas possíveis histórias futuras.

Tinha alugado um pequeníssimo escritório no Bairro Alto, onde mais tarde me haveria de mostrar, pregados na parede rachada e húmida, os «mapas» que fizera para começar a inventar e construir, passo a passo do seu imaginário, uma história que viria a chamar-se, tempos depois, *O Delfim*, sem dúvida um dos seus melhores e mais belos e assombrosos romances.

Quanta memória veio hoje de súbito ao de cima, como uma enorme onda que traz embrulhados consigo, de roldão, milhares de pequenos nadas, até à sua margem. E fico sozinha, envolta num silêncio maior, porque um grande amigo já não está aqui com a sua possível mão estendida, embora o continue a sentir tão próximo, tão céptico e caloroso, quanto anteriormente.

Da última vez que o vi, em minha casa, antes de começarmos a última entrevista que lhe fiz, para o DN, ele disse-me, sorrindo: «Teresa, cá andamos nós, na vida!»

É isso, Zé, através dos teus livros e dos meus, cá andamos nós, na vida.

Silêncio e zangas particulares

Decorria o ano de 1972, estava-se em plena Primavera marcelista. Salazar caíra da cadeira em 1968 e morrera dois anos depois; fora substituído por Caetano, que tentava baralhar as cartas e dar de novo... o mesmo, só que sob uma máscara mais amável e intelectual, a tentar enganar as pessoas.

Uma manhã, no *Jornal A Capital*, recebo um telefonema de Cardoso Pires: «Vem almoçar, tenho uma surpresa para ti.» Fui. E ele apareceu com o original de *O Dinossauro Excelentíssimo* debaixo do braço. Todo o almoço me falou do livro, rindo, como um rapaz que está prestes a pregar uma partida. Perguntei-lhe se não tinha medo, respondeu: «Não vão ter coragem para fazer nada.»

Semanas depois, a palavra já havia sido passada: Cardoso Pires escrevera um livro que ia ser apreendido pela censura. Os literários chamavam a atenção dos clientes para o facto, e recebiam encomendas. Assim, o livro já estava esgotado antes de estar nas livrarias. Quando saiu, foi a gargalhada geral: o fascismo, particularmente Salazar, aparecia pela primeira vez publicamente ridi-

cularizado, menorizado, até. Um ditador visto como um dinossauro senil, que acaba por morrer porque se esquece que está vivo.

Para espanto de todos, aconteceu um profundo silêncio por parte do Governo, especificamente da censura. Só Casal Ribeiro, na Assembleia Nacional, pediu a apreensão do livro.

Entretanto, sai a segunda edição, na Bertrand, que logo esgota, de novo, só que a terceira já não vê a luz do dia porque um dos administradores consegue impedi-lo.

Mas o livro não deixou, por isso, de ser um *best seller*. Mais tarde, outras edições se lhe seguiram. O retrato estava feito... «só que eles não se querem reconhecer oficialmente nele», disse-me então o Zé, rindo. Afinal, ele soubera fazer de um livro um espelho, no qual Portugal via reflectido Salazar, não já enquanto ditador temível, mas antes como um monstro pré-histórico e ridículo.

O silêncio oficial e a zanga particular e atabalhoada dos fascistas encartados vieram-nos confirmar que a ditadura começava a desfazer-se aos bocados, doente que estava de si própria. M.T.H.

LIVRE-SE DO SEU TELEFONE "CEGO" OBTENHA A COMUNICAÇÃO TOTAL



Já pensou nos anos da sua vida que perdeu a falar ao telefone sem poder ver o seu interlocutor?

Mude para **BELCOM-FOIS**. Tenha uma nova visão da vida e dê mais operacionalidade à sua empresa.

Você e a sua empresa merecem a **Central Telefónica mais avançada da actualidade**.

O preço? É o de um vulgar e "cego" sistema telefónico!

Não perca mais tempo!

Tenha a **felicidade da comunicação total**.

Contacte-nos!...

A BELTRÓNICA
DIVISÃO DE SISTEMAS TELEFÓNICOS DIGITAIS

SEDES OPERACIONAIS:

PORTO

Rua 5 de Outubro, 230 • 4100 PORTO
Tel.: (02) 607 91 60 • Fax: (02) 607 91 67

RIBATEJO

Av. Sá da Bandeira, 4 • 2000 SANTARÉM
Tel.: (043) 300 56 00 • Fax: (043) 300 56 09

ALENTEJO

Av. Dinis Miranda, 107 • 7000 Évora
Tel.: (066) 740 94 40 • Fax: (066) 740 94 49

CENTRO

Rua Miguel Torga, 170 • 3030 COIMBRA
Tel.: (039) 79 11 00 • Fax: (039) 79 11 09

BEIRA INTERIOR

Rua Cidade da Covilhã, 47-1º • 6230 FUNDÃO
Tel.: (075) 77 90 00 • Fax: (075) 77 90 09

ALGARVE

Av. José da Costa Mealha, 161 • 8100 LOULÉ
Tel.: (089) 410 10 60 • Fax: (089) 410 10 69

LISBOA

Rua Dr. José B. de Sousa, 27 • 1500 LISBOA
Tel.: (01) 711 30 00 • Fax: (01) 711 30 03

SETÚBAL

Av. D. João II, 6-1º • 2910 SETÚBAL
Tel.: (065) 520 14 10 • Fax: (065) 520 14 19

MADEIRA

Rua Dr. Brito da Câmara, 26 • 9000 FUNCHAL
Tel.: (091) 740 41 00 • Fax: (091) 740 41 09

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO DEPGEF
prodep
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCATIVO PARA PORTUGAL

COMUNIDADE EUROPEIA



Fundo Social Europeu

AVISO DE ABERTURA DE CONCURSO

MEDIDA 5/Ação 5.2 – Formação de Formadores do Ensino Superior

Avisam-se as entidades interessadas que no DR n.º 246, III Série, de 24 de Outubro, foram publicados anúncios relativos à abertura dos Concursos n.º 2 e 3/PRODEP/98, pelo prazo de 20 dias úteis, para a apresentação de candidaturas a financiamento pela Medida 5/Ação 5.2 - Formação de Formadores do Ensino Superior, nos termos do Regulamento aprovado pelo Despacho Conjunto n.º 611/98, publicado no DR n.º 201, de 1 de Setembro de 1998.

Os concursos destinam-se ao financiamento de acções de mestrado e doutoramento, em qualquer área científica, de docentes do ensino superior que reúnam as seguintes condições:

- Estarem em regime de dedicação exclusiva no ensino superior público ou vinculados por contrato de trabalho a tempo inteiro no ensino superior particular ou cooperativo, ou de direito concordatário;
- Não acumularem funções docentes em qualquer outra instituição de educação e ensino durante o período de apoio;
- Não serem detentores do grau a que se refere a candidatura.

Os requisitos e prioridades estabelecidas para estes Concursos constam dos respectivos Avisos de Abertura. O Regulamento da Medida 5/Ação 5.2 e os formulários necessários à formalização de candidaturas podem ser obtidos.

Gabinete de Gestão do PRODEP

Av. 24 de Julho, 134 - 5.º - 1350 Lisboa

☎ (01) 391 99 00 • Fax (01) 395 76 06

Departamento do Ensino Superior

Rua Pinheiro Chagas, 17 - 5.º - 1050 Lisboa

☎ (01) 315 19 23 • Fax (01) 357 53 95

Os Avisos de Abertura de Concurso, o Regulamento e os Formulários estão disponíveis na Internet no seguinte endereço:

<http://www.prodep.min-edu.pt>

As candidaturas deverão ser entregues, em suporte papel e disquete, no Departamento do Ensino Superior.

MEMÓRIA

Homenagem do DN ao escritor

Frases soltas de «De Profundis, Valsa Lenta» atravessam esta edição

■ O *Diário de Notícias* marca a sua edição de hoje com uma referência especial de homenagem a José Cardoso Pires.

Independentemente do trabalho jornalístico que se impõe e é devido, no dia em que desaparece um dos maiores vultos da literatura portuguesa deste século, trabalho esse que se regista nas páginas 2 a 11, o DN entendeu homenagear a memória de José Cardoso Pires não apenas nesse espaço específico, mas em todas as páginas desta edição.

Escolhemos para isso frases soltas retiradas de *De Profundis, Valsa Lenta*, a penúltima obra dada à estampa, onde o escritor relata a sua experiência de convívio com a morte.



Arquivo DN-Leonardo Negrão

PREMONIÇÃO. «Pode-se roubar tudo a um homem – até a morte»

Essas frases, inscrevêmo-las ao alto das páginas desta edição, desde a segunda até à penúltima, e assim a memória de José Cardoso Pires ganha visibilidade crescente em todo o jornal de hoje.

É uma presença com um registo dramático, mas sereno, onde o escritor fala da morte que lhe roubaram. Afinal, uma circunstância que ele próprio, há 27 anos, premonitoriamente havia registado na abertura de *Dinosaurio Excelentíssimo*, quando então aí escreveu assim: «Hoje em dia pode roubar-se tudo a um homem – até a morte. Rouba-se-lhe a morte com a mesma facilidade com que se lhe rouba a vida, a face ou a palavra, que são coisas mais que tudo inestimáveis.»